Entretextos

ENTRETEXTOS. Londrina, v. 26, esp.1, 2026.
ISSN 1519-5392 UEL
DOI: 10.5433/1519-5392.2026.v26.55058

Entre Algoritmos e Pedagogias: a plataformização do ensino de inglês no Instagram[1]

Between Algorithms and Pedagogies: the platformization of English teaching on Instagram

Entre algoritmos y pedagogías: la plataformización de la enseñanza del inglés en Instagram

Isaac Leandro Santos Ismerim[2]
0000-0002-4913-3432
Ana Karina de Oliveira Nascimento[3]
0000-0002-3014-0659

RESUMO: Este artigo analisa a plataformização do ensino de língua inglesa no Instagram e suas influências nas abordagens pedagógicas de professores. Fundamentado nos conceitos de aprendizagem ubíqua (Cope; Kalantzis, 2008) e plataformização da sociedade (Dijck; Poell; De Waal, 2018; Nichols *et al.*, 2021). O estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativista, com base na netnografia (Kozinets, 2014), seguindo a análise e codificação de dados (Saldaña, 2013), a partir de um corpus composto por dois perfis de professores na plataforma. A investigação considera aspectos como visibilidade, engajamento e organização dos conteúdos publicados. Os resultados evidenciam três códigos principais: personalização, automação pedagógica e mercadorização do tempo. Esses códigos revelam que as práticas pedagógicas são moldadas por dinâmicas algorítmicas que influenciam a produção, circulação e consumo dos conteúdos. Conclui-se que, embora o Instagram amplie o acesso ao ensino, também impõe condicionantes algorítmicos e mercadológicos que desafiam a dimensão pedagógica, aproximando o ensino de inglês de lógicas de consumo e padronização.
PALAVRAS-CHAVE: Plataformização; Ensino de Inglês; Instagram.

ABSTRACT: This article analyzes the platformization of English teaching on Instagram and its influences on the pedagogical approaches adopted by teachers. Grounded in the concepts of ubiquitous learning (Cope; Kalantzis, 2008) and the platformization of society (Dijck, Poell; De Waal, 2018; Nichols *et al.*, 2021). The study adopts a qualitative and

[1] Este artigo tem origem na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

[2] Doutorando em Letras com bolsa Capes (USP). Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: isaac.ismerim@uneal.edu.br

[3] Doutora em Letras (USP). Pós-doutora pela University of Illinois Urbana-Champaign (Bolsista CNPq de pós-doutorado no exterior). Universidade Federal de Sergipe. E-mail: akcoliveira@academico.ufs.br

interpretivist approach, based on netnography (Kozinets, 2014), following data analyses and coding (Saldaña, 2013), drawing on a corpus composed of two teacher's profiles on the platform. The investigation considers aspects such as visibility, engagement, and the organization of published content. The results highlight three main codes: personalization, pedagogical automation, and the commodification of time. These codes reveal that pedagogical practices are shaped by algorithmic dynamics that influence the production, circulation, and consumption of content. It is concluded that, although Instagram expands access to education, it also imposes algorithmic and market-driven constraints that challenge the pedagogical dimension, bringing English teaching practices closer to logics of consumption and standardization.
KEYWORDS: Platformization; English Language Teaching; Instagram.

RESUMEN: Este artículo analiza cómo la plataformización de la enseñanza influye en los enfoques pedagógicos adoptados por profesores de lengua inglesa en Instagram. Basado en los conceptos de aprendizaje ubicuo (Cope; Kalantzis, 2008) y plataformización de la sociedad (Dijck, Poell; De Waal, 2018; Nichols *et al.*, 2021), el estudio adopta un enfoque cualitativo e interpretativista, fundamentado en la netnografía (Kozinets, 2014), siguiendo el análisis y la codificación de datos (Saldaña, 2013), a partir de un corpus compuesto por dos perfiles de profesores en la plataforma. La investigación considera aspectos como la visibilidad, el compromiso y la organización de los contenidos publicados. Los resultados evidencian tres códigos principales: personalización, automatización pedagógica y mercantilización del tiempo. Estos códigos revelan que las prácticas pedagógicas están moldeadas por dinámicas algorítmicas que influyen en la producción, circulación y consumo de contenidos. Se concluye que, aunque Instagram amplía el acceso a la enseñanza, también impone condicionantes algorítmicos y mercantiles que desafían la dimensión pedagógica, aproximando la enseñanza de inglés a lógicas de consumo y estandarización.
PALABRAS CLAVE: Plataformización; Enseñanza de Inglés; Instagram.

Introdução

Nas últimas décadas, as transformações sociais associadas à expansão da internet e à centralidade das tecnologias digitais têm reconfigurado as formas e os espaços de aprendizagem. Esse movimento entende a centralidade histórica da escola como espaço privilegiado de produção do conhecimento e desloca práticas educativas para uma ecologia mais ampla, marcada por fluxos descentralizados, dinâmicos e mediados tecnologicamente. Como argumenta Martin-Barbero (2011, p. 126), "a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do conhecimento, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados", o que impõe a necessidade de investigar esses espaços educativos à luz dessas reconfigurações.

A emergência das plataformas digitais vem acompanhada de transformações

Licença CC BY 4.0

nas formas de interação e nas racionalidades que atravessam diferentes práticas sociais e educativas. Essas plataformas não funcionam como infraestruturas neutras. Sua organização envolve arquiteturas programáveis voltadas à coleta, ao processamento e à monetização de dados, organizando as interações sociais segundo lógicas algorítmicas e interesses comerciais (Dijck; Poell; De Waal, 2018). A tecnologia, assim, participa da definição das condições de circulação dos conteúdos, interferindo em sua visibilidade e na posição que ocupam dentro dos ambientes digitais. É nesse processo que Helmond (2015) situa a plataformização da internet, entendida como a expansão da lógica das plataformas para diferentes dimensões da experiência on-line.

Essas transformações se articulam à incorporação crescente de redes sociais como espaços de aprendizagem, especialmente em contextos de ensino de línguas. No caso da língua inglesa, observa-se a proliferação de perfis e conteúdos em plataformas como o Instagram, em que práticas pedagógicas passam a ser mediadas por métricas de engajamento, dinâmicas de visibilidade e estratégias de atração de público. Tal cenário evidencia um deslocamento do ensino de línguas para lógicas de mercado, em que o conhecimento é progressivamente convertido em mercadoria/dados e o processo educativo em produto consumível.

Diante desse cenário, este artigo busca responder à seguinte questão: de que maneira a plataformização do ensino influencia a abordagem pedagógica adotada por professores de inglês na rede social Instagram? Para tanto, mobilizamos o conceito de aprendizagem ubíqua de Cope e Kalantzis (2008) e Santaella (2014), e ampliamos a discussão de Ferraz (2011) sobre ambientes formais e não formais de aprendizagem. Trazemos, também, o conceito de plataformização da sociedade de Dijck, Poell, De Waal, (2018) e da educação de Nichols *et al.* (2021) para analisar como as lógicas algorítmicas, econômicas e sociais atravessam práticas pedagógicas nos conteúdos analisados na plataforma.

Interessa-nos, nesse enquadramento, compreender como discursos de personalização, autonomia e ampliação do acesso ao conhecimento se articulam, de modo contingente e situado, a dinâmicas de padronização, mercadorização e controle que atravessam as plataformas. Assim, mais do que assumir efeitos prévios

Licença CC BY 4.0

ou universais da plataformização, buscamos analisar como essas lógicas são produzidas e negociadas nas práticas de ensino de língua inglesa em redes sociais, evidenciando as ambiguidades e contradições que constituem esse cenário.

Fundamentação

Para início de conversa, consideramos relevante discutir o conceito de aprendizagem ubíqua proposto por Cope e Kalantzis (2008), devido ao seu impacto na redefinição dos processos educacionais contemporâneos. Para os autores, a aprendizagem ubíqua ocorre em qualquer lugar e a qualquer momento, rompendo com as limitações de tempo e espaço características dos modelos tradicionais de ensino. Essa perspectiva questiona práticas educacionais centradas em ambientes fixos, como a sala de aula, e em horários predefinidos.

Em entendimento semelhante, Santaella (2014) advoga que a aprendizagem ubíqua se apoia na espontaneidade. Ou seja, em qualquer situação ou ambiente, uma curiosidade momentânea pode ser atendida de imediato, o que pode gerar novos aprendizados. Nesse processo, ainda segundo a autora, sempre que surge uma dúvida, o acesso instantâneo a informações ou a pessoas disponíveis para ajudar permite esclarecê-la no próprio instante, revelando a ubiquidade. Com a expansão da internet e o avanço das tecnologias digitais, os espaços físico e virtual tornaram-se progressivamente interconectados, permitindo acesso contínuo e dinâmico ao conhecimento. Essa integração amplia o alcance da aprendizagem e pode favorecer a democratização do acesso ao conhecimento, possibilitando que sujeitos moldem seus percursos formativos. Nesse sentido, a aprendizagem ubíqua não se restringe à flexibilidade espaço-temporal, mas implica uma transformação mais ampla nas práticas pedagógicas e na própria concepção de conhecimento.

Observamos essa dinâmica, por exemplo, na rede social Instagram, em que usuários acompanham conteúdos de interesse e interagem com informações produzidas em fluxo contínuo. Trata-se, sobretudo, de uma aprendizagem de natureza informal/social, marcada pela instantaneidade e pela disponibilidade permanente de conteúdos. Além disso, mecanismos como busca e algoritmos

Licença CC BY 4.0

permitem tanto o acesso a informações recentes quanto a conteúdos anteriores, ampliando as possibilidades de aprendizagem nesse ambiente.

Embora não aprofundemos a discussão sobre a qualidade e confiabilidade das informações geradas e compartilhadas nas plataformas, já que há possibilidade de criação por qualquer usuário, reconhecemos que as redes sociais viabilizam e estimulam formas abertas de aprendizagem. Nesses contextos, o sujeito pode assumir papel mais ativo e autônomo, seja ao consumir conteúdos educacionais, seja ao interagir com outros usuários. Ainda assim, é necessário reconhecer que esses espaços de aprendizagem não podem ser dissociados da lógica do lucro que opera nessas plataformas digitais e que a circulação pode ter esse viés intrínseco à plataforma.

À luz de Cope e Kalantzis (2008) e Santaella (2014), argumentamos que as tecnologias digitais, articuladas à globalização e ao neoliberalismo, contribuíram para o surgimento de novos contextos de aprendizagem. Nesse cenário, ambientes não formais ganham destaque, muitas vezes vinculados a lógicas de consumo.

Enquanto a educação formal se refere àquela desenvolvida em instituições escolares, caracterizada por organização sistemática e institucionalização (Gadotti, 2000; Garcia, 2001; Marandino; Selles; Ferreira, 2009) e que, no ensino de língua inglesa, são realizadas em escolas e universidades (Ferraz, 2011), a educação não formal ocorre fora desses espaços, em contextos como cursos de idiomas, centros culturais e outras iniciativas organizadas.

A dicotomia entre formal e não formal, nesse sentido, pode obscurecer novos espaços de aprendizagem emergentes das tecnologias digitais. Plataformas e redes sociais, embora não concebidas originalmente para fins educacionais, vêm sendo utilizadas como ambientes de ensino e aprendizagem em que produtores e consumidores de conteúdo buscam espaços para desenvolver práticas dessa natureza. Diferentemente dos contextos educacionais institucionalizados, esses espaços operam sob formas de organização menos explícitas, nas quais as dinâmicas de visibilidade, circulação e interação dos usuários são condicionadas pelas lógicas algorítmicas das plataformas. Diante disso, optamos por expandir essa dicotomia e tratar esses espaços como contextos informais de ensino.

Licença CC BY 4.0

As plataformas digitais, conforme Dijck, Poell e De Waal (2018) e Nichols *et al.* (2021), podem ser compreendidas como, respectivamente:

> [...] uma arquitetura digital programável concebida para organizar *interações entre usuários* - não apenas usuários finais, mas também entidades empresariais e agentes públicos. Está orientada para a coleta sistemática, o processamento algorítmico, a circulação e a *monetização dos dados dos usuários.* (Dijck; Poell; De Waal, 2018, p. 4, tradução nossa, grifos nossos).[4]

> [...] referem-se a (1) infraestruturas nas quais os aplicativos são criados (por exemplo, um console de videogame é uma plataforma para jogar seu software compatível); e (2) redes on-line que facilitam as *trocas econômicas e sociais* (por exemplo, um site de mídia social é uma plataforma para se conectar com outras pessoas). (Nichols *et. al.*, 2022, p. 345, tradução nossa, grifos nossos).[5]

Essas dinâmicas podem ser compreendidas à luz de três processos estruturantes das plataformas digitais: datificação, mercadorização e seleção (Dijck; Poell; De Waal, 2018). Segundo os autores, esses processos organizam a experiência do usuário e incidem diretamente sobre as formas de ensinar e aprender. A datificação se refere à transformação das ações e conteúdos dos usuários em dados quantificáveis, vetorizados e que possam gerar algum tipo de padrão que é capturado e processado por algoritmos. Já a mercadorização diz respeito à conversão desses dados em produtos negociáveis, inserindo práticas educacionais na lógica de mercado. Por fim, a seleção envolve a filtragem e organização de conteúdos por meio de algoritmos, influenciando diretamente o que é exibido aos usuários.

Ao transformar interações em dados, convertê-los em valor econômico e filtrá-los por meio de algoritmos, as plataformas instauram regimes de visibilidades que privilegiam determinados conteúdos e práticas em detrimento de outros, produzindo efeitos sobre a construção do conhecimento e sobre as possibilidades de formação crítica. No caso do ensino de inglês em plataformas como o Instagram,

[4] "[…] is a programmable digital architecture designed to organize interactions between users—not just end users but also corporate entities and public bodies. It is geared toward the systematic collection, algorithmic processing, circulation, and monetization of user data."

[5] "[…] refer to (1) infrastructures on which applications are built (e.g., a video game console is a platform for playing its compatible software); and (2) online networks that facilitate economic and social exchanges (e.g., a social media site is a platform for connecting with others)."

Licença CC BY 4.0

essas características se materializam de diferentes formas. A personalização pode ajustar conteúdos aos interesses do usuário, entregando conteúdos alinhados aos seus interesses e preferências. A reputação, medida por métricas como seguidores e engajamento, pode impactar a visibilidade de professores e a captação de alunos. Já a moderação, por sua vez, pode definir quais conteúdos são engajados, influenciando inclusive os temas abordados. Como alertam Nichols *et al.* (2021), tais dinâmicas demandam uma análise que desvele as dimensões menos visíveis dessas infraestruturas, especialmente no que se refere ao controle, à classificação e à padronização dos sujeitos e de suas práticas.

Essas dinâmicas apontam para a consolidação do ensino de inglês como mercadoria, orientado por métricas de desempenho e visibilidade. Como consequência, observa-se a tendência à padronização de conteúdos e à instrumentalização do ensino, frequentemente voltado ao mercado de trabalho e conteúdo vocabular, em detrimento de uma formação crítica.

Embora haja benefícios associados à personalização e à ampliação do acesso (Pangrazio; Selwyn, 2019), é necessário problematizar o controle exercido pelas plataformas sobre os processos de aprendizagem. A filtragem algorítmica pode limitar o contato com a diversidade, restringindo experiências formativas e reforçando desigualdades (Nichols *et al.*, 2021). Dessa forma, a plataformização do ensino de inglês representa uma transformação significativa, ao mesmo tempo em que reproduz lógicas já presentes em modelos tradicionais, como a padronização e a mercadorização. A promessa de autonomia e personalização precisa, portanto, ser analisada criticamente, especialmente no que se refere ao acesso, à diversidade e às implicações pedagógicas.

Defendemos, assim, a necessidade de investigar essas dinâmicas, incluindo o papel dos algoritmos na circulação de determinados conteúdos. Como argumentam Nichols *et al.* (2021, p. 349, tradução nossa)[6], torna-se fundamental "[...] desmascarar e criticar as dimensões menos visíveis das plataformas", a fim de compreender como interesses comerciais e lógicas preditivas podem modificar valores educacionais.

[6] "[...] unmasking and critiquing less-visible dimensions of platforms."

Licença CC BY 4.0

Metodologia

Este recorte adota uma abordagem qualitativa e interpretativista, com análise e codificação de dados conforme propostas por Saldaña (2013). Os dados foram gerados seguindo as etapas da netnografia proposta por Kozinets (2014), quais sejam: 1. definição das questões de pesquisa, websites sociais ou tópicos a investigar; 2. identificação e seleção da comunidade; 3. observação da comunidade e coleta de dados; 4. análise de dados e interpretação iterativa de resultados de dados; 5. redação, apresentação e relato dos resultados de pesquisa e/ou implicações teóricas e/ou práticas.

Utilizando como base a questão que orientou este estudo: “De que maneira a plataformização do ensino influencia a abordagem pedagógica adotada na rede social Instagram?”, foi selecionado o corpus desta pesquisa. Para isso, digitou-se “Professores de inglês” na aba de buscas em três contas de diferentes usuários na rede social Instagram. Apesar da adoção da mesma palavra-chave, os resultados variaram, o que pode confirmar a hipótese de que o funcionamento algorítmico gerencia os mecanismos de busca da plataforma, apresentando resultados diferentes para usuários ao considerar seus gostos, desejos e vivências nas plataformas (Dijck; Poell; De Waal, 2018).

Desejava-se encontrar perfis com mais de 100 mil seguidores e verificação[7], considerando o alcance e o engajamento das publicações, bem como os efeitos associados à autenticidade e à relevância conferidas por esses marcadores. Além disso, esses marcadores possibilitariam encontrar perfis públicos, cujos dados seriam de acesso aberto para qualquer usuário. Contudo, a palavra-chave não rendeu perfis nos parâmetros especificados, sendo alterada para “*English Teacher*”, uma vez que as vivências na plataforma demonstraram a presença de muitos perfis.

[7] Segundo Lancaster (2021, p. 1) a verificação “é uma forma de as pessoas saberem se as contas de destaque que estão seguindo ou pesquisando são exatamente quem elas dizem que são. Dessa forma, elas poderão saber quais contas são autênticas e relevantes”.

Licença CC BY 4.0

A partir da recorrência dos perfis encontrados, foram selecionados dois: um de uma professora brasileira e outro de um professor estrangeiro. Para situar, trazemos um pouco da descrição dos perfis.

Criado em 2015 por Tainá Alves, o perfil "@tainacompartilhando"[8] é voltado ao compartilhamento de dicas e estratégias de aprendizagem de inglês por meio de publicações frequentes no Instagram. Ao longo de nove anos, o perfil passou por mudanças significativas em sua identidade visual, consolidando uma marca pessoal reconhecível, com destaque para o uso recorrente das cores vinho e rosa. O selo de verificação, obtido em 2024, contribui para a construção de credibilidade, embora seu valor simbólico seja relativizado pela possibilidade de compra desse recurso na plataforma a partir de uma atualização de 2024.

Com cerca de 110 mil seguidores e mais de 600 publicações, o perfil apresenta uma biografia estrategicamente organizada, uso de palavras-chave relacionadas ao ensino de inglês e *links* que direcionam para um site próprio e para um perfil associado ao projeto. Os destaques e o *feed* evidenciam uma curadoria cuidadosa de conteúdos pedagógicos e de narrativas profissionais, voltadas ao engajamento e à promoção de serviços educacionais.

A publicação de maior alcance ultrapassa 800 mil visualizações, indicando forte aderência às lógicas algorítmicas da plataforma. Não há informações claras sobre a formação acadêmica da professora, sendo mencionadas apenas experiências profissionais em cursos de idiomas e um intercâmbio na Inglaterra, o que reforça a centralidade da experiência prática e da performance midiática na construção de legitimidade docente no ambiente digital.

O segundo perfil analisado, "@englishteacherdownset", foi criado em julho de 2023 e pertence a um professor que se apresenta como britânico, embora sua conta esteja sediada na Espanha. O perfil é voltado à oferta de dicas de aprendizagem de inglês, utilizando postagens, *reels* e vídeos com explicações diretas do professor, sempre acompanhadas de legendas. Até o momento da seleção e análise dos dados, 54 vídeos haviam sido publicados. Desde a primeira postagem, em dezembro

[8] O perfil pode ser acessado através do link: https://www.instagram.com/tainacompartilhando?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==

Licença CC BY 4.0

de 2023, não houve mudanças significativas na identidade visual ou na abordagem dos conteúdos, que mantêm foco consistente no ensino de vocabulário para diferentes níveis de proficiência.

Na biografia, o professor se apresenta como "*English Teacher*" e enfatiza o ensino do inglês britânico, com apelo à melhoria das habilidades dos seguidores. Embora não haja promoção explícita de cursos ou *links* externos, o perfil utiliza um botão interativo ("*Boost your English*") que direciona para um *chat* com conteúdos adicionais, além de incluir um *link* para o Facebook. Há ainda um destaque único voltado à apresentação de suas qualificações e experiências, tais como: diploma em Estudos de Inglês, mestrado em ensino de Inglês como Língua Estrangeira e um Certificado Internacional Celta.

O perfil se caracteriza pela clareza de propósito e pelo uso de ferramentas interativas do Instagram, priorizando conteúdo educativo gratuito. A publicação de maior alcance apresenta formas de dizer "desculpa" em diferentes níveis de proficiência, e conta com cerca de 3,4 milhões de visualizações.

Na comparação entre os perfis, observa-se que o perfil sediado na Espanha adota uma abordagem mais interativa com o usuário, centrada em explicações linguísticas e no ensino sistemático do idioma. Já o perfil da professora brasileira incorpora, além desse conteúdo, estratégias marcadas pela construção de uma marca, evidenciadas pelo uso de *marketing* digital, organização visual e direcionamento para venda de produtos e serviços.

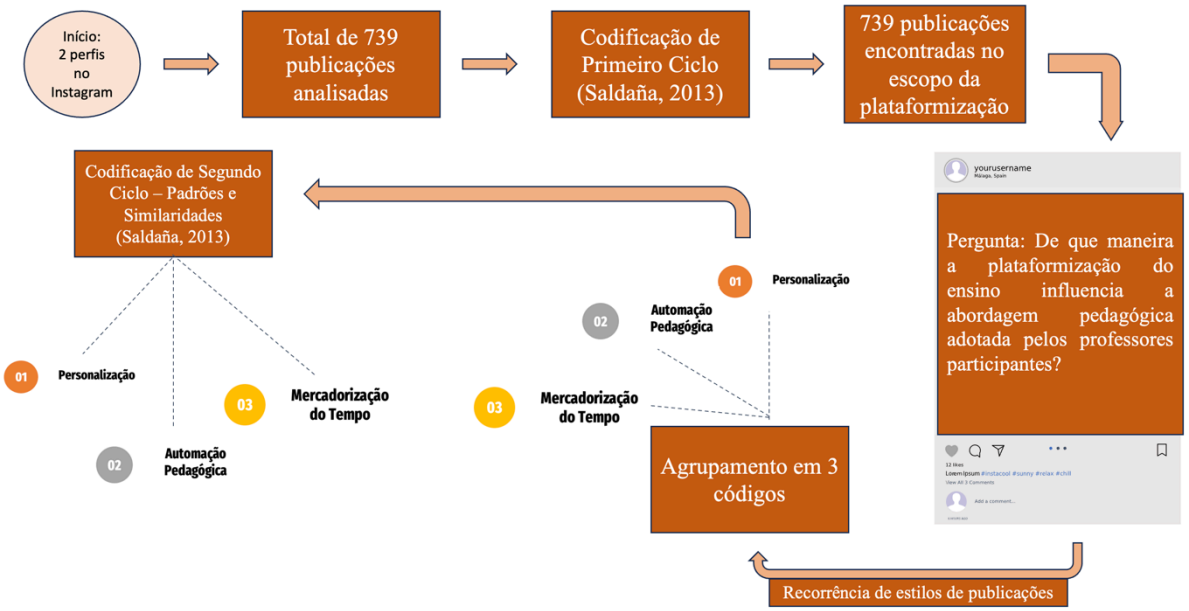
Após seleção da comunidade, as terceira e quarta etapas da netnografia foram realizadas, quais sejam: "observação da comunidade e coleta de dados" e "análise de dados e interpretação interativa de resultados de dados" (Kozinets, 2014, p. 63). Esse processo ocorreu por meio da codificação de dados proposta por Saldaña (2013), a qual segue as etapas de codificação de primeiro ciclo e codificação de segundo ciclo para criação de códigos. Segundo o autor (2013, p. 3, tradução nossa)[9], os códigos referem-se a "uma palavra ou frase curta que simbolicamente designa um atributo sumário, saliente, capturador de essência e/ou

[9] "[…] a word or short phrase that symbolical assigns a summative, salient, essence-capturing, and/or evocative attribute for a portion of language-based or visual data."

Licença CC BY 4.0

evocativo a uma porção de dados baseados em linguagem ou visuais". O processo de codificação está descrito na Figura 1 a seguir.

Figura 1 - Processo de codificação com foco na Plataformização do Ensino



Fonte: Ismerim (2024) adaptado de Santos (2024).

A imagem apresenta um fluxograma que sintetiza o percurso metodológico da pesquisa. O processo inicia-se com a seleção de dois perfis na plataforma. Em seguida, são analisadas 739 publicações, que passam por uma etapa de codificação de primeiro ciclo, (Saldaña, 2013). A partir dessa codificação inicial, todas as publicações são consideradas dentro do escopo da plataformização.

Partindo da pergunta: "De que maneira a plataformização do ensino influencia a abordagem pedagógica adotada pelos professores na rede social Instagram?", os dados foram organizados por recorrência de estilos de publicações dando origem a três códigos, quais sejam: "Personalização", "Automação Pedagógica" e Mercadorização do Tempo".

Concluído esse processo, visitamos os agrupamentos a fim de verificar se os códigos atribuídos representavam as ideias presentes nos conjuntos de dados. Essa etapa caracteriza a codificação de segundo ciclo (Saldaña, 2013), cujo objetivo é revisitar os dados e identificar se as aproximações se referem às ideias centrais dos

Licença CC BY 4.0

códigos ou se há a necessidade de alterá-los. Percebemos que essa alteração não era necessária e organizamos os três códigos em eixos analíticos centrais da pesquisa, os quais são descritos na próxima seção, conforme etapa cinco da pesquisa netnográfica, segundo Kozinets (2014).

Análise

A questão trazida na seção anterior, e que orienta este estudo, investiga as práticas de professores de inglês que utilizam o Instagram como plataforma educativa. No processo de codificação, o primeiro ciclo trouxe o código "personalização", mantido no segundo ciclo por continuar representando adequadamente os dados. Para iniciar a discussão apresentamos a Figura 2.

Figura 2 - Parte inferior da *bio* ao clicar no link no perfil @tainacompartilhando



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

Licença CC BY 4.0

A frase “Para você aprender inglês, independentemente de onde está começando” sugere uma lógica de personalização do ensino, ao trazer que a aprendizagem pode se adaptar a diferentes pontos de partida. Essa perspectiva dialoga com Dijck, Poell e De Waal (2018), ao indicar que plataformas moldam conteúdos e percursos de forma algorítmica, ajustando ritmo, foco e materiais às supostas necessidades dos usuários.

A flexibilidade constitui um elemento central desse processo, pois possibilita que o ensino seja continuamente ajustado ao progresso do aluno, configurando a lógica do ensino personalizado. Do ponto de vista pedagógico, a personalização plena é difícil de ser implementada pelo professor de forma individualizada. No entanto, a mediação algorítmica e ferramentas como testes de nivelamento permitem direcionar conteúdos por níveis, prática já presente em cursos de idiomas tradicionais, ainda que não totalmente individualizada. Ao mesmo tempo, essa lógica pode ampliar o acesso e incentivar o engajamento, mas também intensificar mecanismos de controle e padronização da aprendizagem (Nichols *et al.*, 2021).

É importante problematizar que, embora o percurso de aprendizagem seja apresentado como individualizado, os aprendizes são frequentemente orientados em direção a um objetivo comum: alcançar a chamada “fluência”. Neste estudo, entendemos a fluência como uma competência situada, que não se reduz à reprodução de um modelo idealizado de falante nativo, mas envolve a capacidade de participar de práticas comunicativas diversas, considerando os contextos, os interlocutores e os propósitos de uso da língua. Nos perfis analisados, contudo, a fluência parece ser associada à aproximação de um padrão nativo de inglês, à ausência de erros ou ao domínio amplo da língua. Além disso, as atividades e conteúdos trazidos podem não ser diferentes, mas sim ter um outro ponto de partida considerando o nível do aluno. Nesse sentido, infere-se que a personalização promovida pela plataforma automatiza todo o processo de ensino, sendo ela responsável por determinar o nível do aluno e os conteúdos aos quais ele deve ter acesso.

Ademais, a personalização pode reforçar a chamada “bolha de filtro” (Pariser, 2011), ao oferecer conteúdos alinhados às preferências do usuário, gerando uma

Licença CC BY 4.0

percepção de aprendizagem que nem sempre corresponde a avanços efetivos. Nesse contexto, o Instagram atua frequentemente como espaço de captação de alunos, redirecionando-os para outros ambientes onde os cursos são efetivamente ofertados.

Nos exemplos analisados, a organização de conteúdos por níveis de proficiência (A1 a C2, conforme o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas[10]) ou por contextos de uso permite que os usuários se identifiquem com etapas específicas, promovendo sensação de progresso e pertencimento. Essa segmentação amplia o alcance do conteúdo e atende a diferentes perfis de aprendizes, ao mesmo tempo em que indica o funcionamento algorítmico da plataforma, que distribui conteúdos com base em interesses e comportamentos.

Por fim, a personalização se configura também como estratégia de engajamento e diferenciação. Enquanto um perfil a utiliza para direcionar à venda de cursos adaptados às necessidades do aluno, outro a emprega na diversificação de conteúdos. Em ambos os casos, observa-se o alinhamento às dinâmicas da plataformização, conforme discutido por Dijck, Poell e De Waal (2018), evidenciando como o ensino de inglês nas redes sociais se articula à cultura da personalização.

O segundo código, “automação pedagógica”, refere-se ao uso de recursos automatizados da plataforma para otimizar e padronizar práticas de ensino, como *templates*, legendas e estruturas recorrentes. Para exemplificar, apresento as Figuras 3, 4 e 5.

[10] O quadro Comum Europeu de Referência para Línguas é um padrão internacional para descrever os níveis de proficiência em uma língua. Os níveis são divididos do básico ao proficiente, com habilidades necessárias em cada um deles. (British Council, 2024).

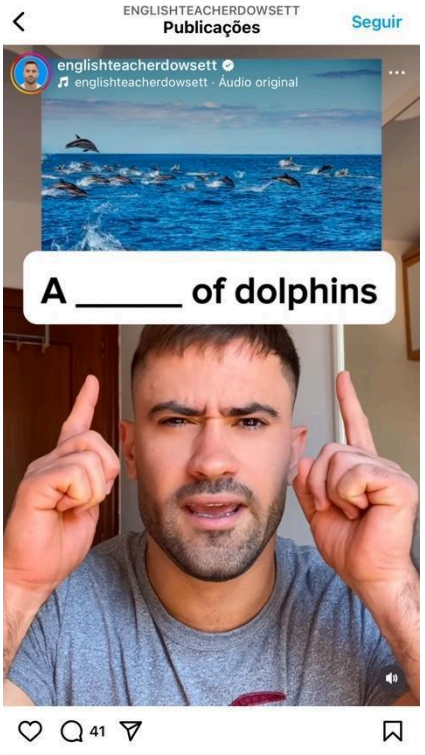
Licença CC BY 4.0

Figura 3 - Perfil @tainacompartilhando - Repetição de vinheta



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

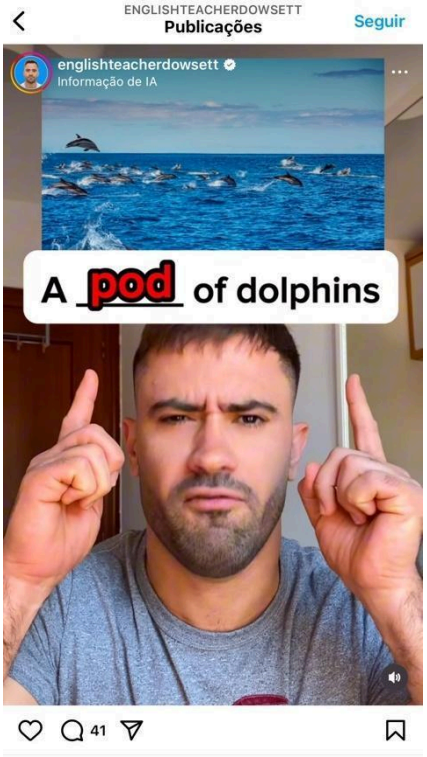
Figura 4 - Perfil @englishteacherdowsett - legendas



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

Licença CC BY 4.0

Figura 5 - Perfil @englishteacherdowsett - legendas 2



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

A Figura 3 mostra uma vinheta utilizada nos estágios iniciais do perfil da professora, identificada em 16 vídeos. A abertura padronizada: “Oi bonitos, beleza?” cria familiaridade e engajamento imediato, funcionando como marca identitária e automatizando a interação inicial. Essa repetição reduz a necessidade de reapresentação e reforça a imagem de proximidade com o público.

Nas Figuras 4 e 5, focamos a análise no uso da multimodalidade (Zacchi, 2016) como base da automação pedagógica. A combinação de imagem, texto e som estrutura atividades padronizadas: o vídeo apresenta uma frase incompleta, seguida da exibição da resposta correta em destaque (geralmente em vermelho). Esse formato se repete em diferentes conteúdos, criando um padrão didático facilmente replicável, presente em ambos os perfis analisados.

Licença CC BY 4.0

Figura 6 - Perfil @englishteacherdowsett - Legendas 3



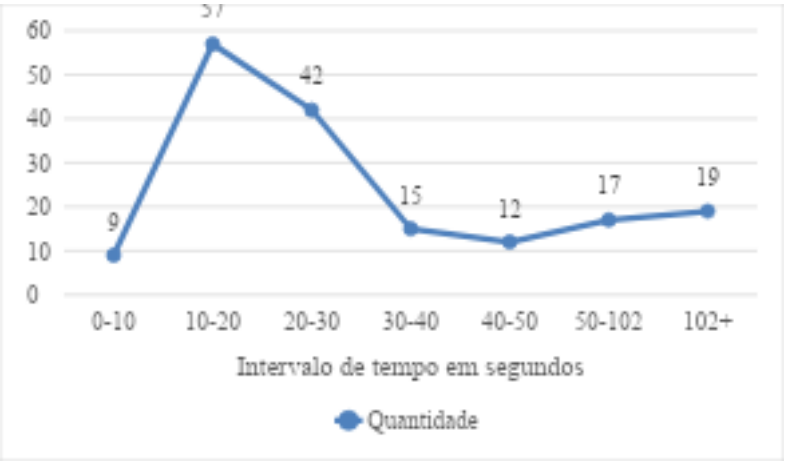
Fonte: Acervo Pessoal (2024).

Na Figura 6, o mesmo modelo é aplicado ao ensino de advérbios de frequência. O uso de cores e a inserção de um intervalo antes da resposta estimulam a participação do aluno, ainda que de forma assíncrona. Esse padrão aponta para uma prática planejada que simula interação e organiza o ensino de maneira automatizada. Assim, a multimodalidade associada à automação estrutura o conteúdo e contribui para uma experiência de aprendizagem aparentemente interativa e personalizada.

Por fim, o código “mercadorização do tempo”, entendido como a adequação de conteúdos educacionais a formatos curtos e rápidos, especialmente vídeos de até um minuto. Para isso, analisamos a duração dos vídeos nos dois perfis, cujos resultados estão nos Gráficos 1 e 2.

Licença CC BY 4.0

Gráfico 1 - Vídeos no @tainacompartilhando por Intervalo de Tempo



Fonte: Ismerim (2024).

Gráfico 2 - Vídeos no Perfil @englishteacherdowsett por Tempo



Fonte: Ismerim (2024).

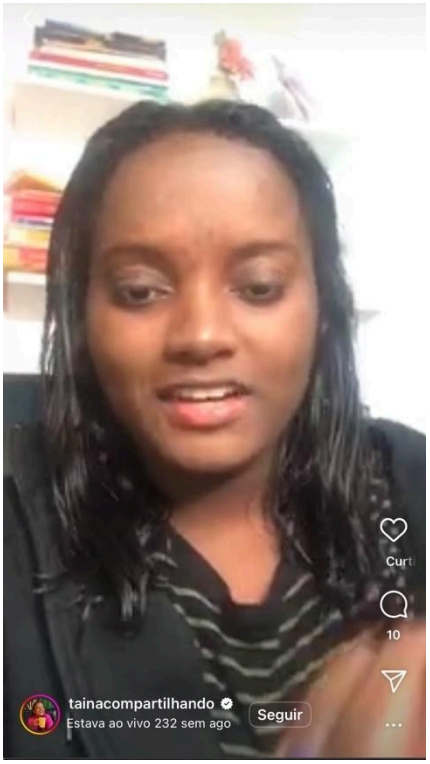
A mercadorização do tempo no Instagram se manifesta na predominância de vídeos curtos, alinhados às dinâmicas de engajamento da plataforma. No perfil @tainacompartilhando (Gráfico 1), destacam-se vídeos entre 10 e 20 segundos, sendo 14 segundos a duração mais frequente. No perfil @englishteacherdowsett (Gráfico 2), prevalecem vídeos de aproximadamente 10 segundos. Esse padrão reflete o consumo rápido de informações e a adaptação a rotinas fragmentadas dos usuários, como deslocamentos e intervalos curtos.

Por outro lado, o Gráfico 1 também revela 19 vídeos com mais de 102 segundos no perfil da professora, incluindo *lives* (8 casos) e explicações mais

Licença CC BY 4.0

detalhadas (11 vídeos), muitas vezes associadas a eventos de grande repercussão. Isso indica que, no surgimento da plataforma, o formato permitia vídeos com informações detalhadas e diferentes estratégias de explicação. Porém, com o passar dos anos, a plataforma passou a privilegiar conteúdos breves, transformando o tempo disponível do usuário em recurso estratégico de engajamento. A atuação dos algoritmos pode reforçar essa dinâmica, ao identificar preferências e priorizar conteúdos compatíveis com o comportamento do usuário (Dijck; Poell; De Waal, 2018). Logo, se o usuário prefere conteúdos mais rápidos, a plataforma passa a privilegiar conteúdos com esses parâmetros, diminuindo o acesso a conteúdos mais longos.

Figura 7 - Live 8 dicas para melhorar o *Speaking* no Perfil @tainacompartilhando



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

Figura 8 - Postagem de lives no @tainacompartilhando



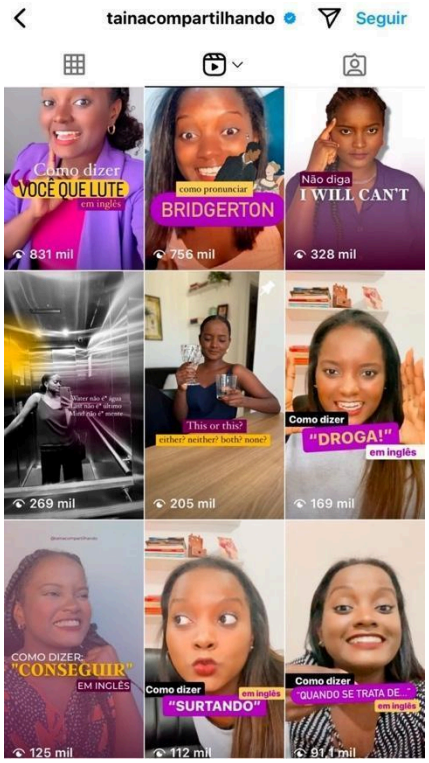
Fonte: Acervo Pessoal (2024).

No perfil @tainacompartilhando, há exemplos de vídeos extensos, como a *live* de 53 minutos apresentada na Figura 7, voltada ao desenvolvimento da habilidade oral. Esse formato também aparece em outras postagens (Figura 8), geralmente

Licença CC BY 4.0

com explicações mais aprofundadas. Nota-se que vídeos mais longos tendem a ser publicados no período noturno, enquanto vídeos curtos predominam durante o dia, acompanhando os hábitos de consumo dos usuários (Amaral, 2018). No perfil @englishteacherdowsett, não foram identificados vídeos longos, o que reforça a centralidade dos formatos curtos na lógica da plataforma.

Figura 9 - Vídeos com maior visualização no Perfil @tainacompartilhando



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

Figura 10 - Preposições com evento cultural no Perfil @tainacompartilhando



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

Entre os vídeos mais visualizados do perfil @tainacompartilhando (Figura 9), quase metade possui até 15 segundos, sugerindo que conteúdos curtos são mais desejados pelos usuários e favorecidos pelos algoritmos, incentivando sua adoção por criadores. Um outro exemplo é apresentado na Figura 10, em que a professora utiliza a vinda de Bruno Mars ao Brasil para ensinar preposições. Ao articular ensino e evento cultural em alta, o conteúdo se torna mais engajado. Essa estratégia evidencia a mercadorização do tempo, uma vez que, ao explorar tendências,

Licença CC BY 4.0

amplia-se o alcance e reforça-se a integração entre aprendizagem, cotidiano e lógica algorítmica da plataforma (Dijck; Poell; De Waal, 2018).

Considerações finais

Os achados deste estudo evidenciam que a inserção do ensino de língua inglesa em plataformas digitais, como o Instagram, não pode ser compreendida apenas como uma ampliação dos espaços de aprendizagem, mas como uma reconfiguração das práticas pedagógicas, atravessada por lógicas algorítmicas, econômicas e sociais. A análise dos perfis investigados demonstrou que a plataformização influencia diretamente a forma como o ensino é organizado, apresentado e consumido, produzindo efeitos que vão além da dimensão didática.

Os três códigos identificados a partir da análise: personalização, automação pedagógica e mercadorização do tempo, revelam que as práticas docentes são progressivamente moldadas pelas dinâmicas da plataforma. Embora a personalização sugira maior autonomia e adequação às necessidades dos aprendizes, ela opera dentro de limites definidos por algoritmos, o que pode reforçar processos de padronização e controle. A automação pedagógica, por sua vez, evidencia a busca por eficiência, replicabilidade e engajamento, muitas vezes em detrimento de abordagens mais críticas e contextualizadas. Já a mercadorização do tempo explicita a adaptação do ensino a formatos breves e consumíveis, alinhados às lógicas de visibilidade e retenção de atenção.

Dessa forma, as promessas de democratização do acesso, flexibilidade e autonomia coexistem com processos de mercadorização, datificação e controle, trazendo concepções de ensino que ultrapassam a dimensão instrumental da língua. Nesse cenário, torna-se fundamental adotar uma perspectiva crítica que permita compreender as potencialidades dessas plataformas, seus limites e implicações para a formação de sujeitos.

Como um dos caminhos possíveis de reflexão, podemos pensar a educação linguística crítica (Ferraz, 2024) e os letramentos (Santos, 2024) como filosofias guiadoras da construção de práticas nas redes sociais. Nessas perspectivas,

Licença CC BY 4.0

busca-se um ensino contextualizado e centrado na construção de sentidos em diferentes práticas sociais, em contraposição a abordagens estruturalistas e a uma visão meramente instrumental da língua. Práticas segundo esses pressupostos podem problematizar discursos e estimular a criticidade, questionando lógicas padronizadas em prol da valorização de identidades plurais. No entanto, nas redes sociais, práticas que problematizam discursos, valorizam identidades plurais ou questionam padrões linguísticos podem enfrentar tensões com a lógica da viralização, que favorece conteúdos rápidos, simplificados e de ampla circulação. Por fim, sugere-se que pesquisas futuras ampliem o escopo de análise, considerando outros perfis, plataformas e como os algoritmos tratam práticas que interrogam a visão instrumental da língua, a fim de aprofundar a compreensão sobre os efeitos da plataformização no ensino de línguas.

Referências

AMARAL, L. *Qual a duração ideal de um vídeo nas redes sociais?* Disponível em: https://rockcontent.com/br/blog/duracao-de-videos/. Acesso em: 31 dez. 2024.

BRITISH COUNCIL. *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR)*. London: British Council, 2024. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr. Acesso em: 10 set. 2026.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Ubiquitous learning: an agenda for educational transformation. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON NETWORKED LEARNING, 6., 2008, Halkidiki. *Proceedings* [...]. Halkidiki: Greece, 2008. p. 576-582.

DIJCK, J. V.; POELL, T.; DE WAAL, M. *The Platform Society:* public values in a connective world. New York: Oxford, 2018. 241p.

FERRAZ, D. M. Os ensinos formais e não formais de língua inglesa: problematizando algumas tensões. *In*: SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, 1., 2011, São Cristóvão. *Anais* [...]. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2011.

FERRAZ, D. M. *Língua-linguagem, educação e educação linguística*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

Licença CC BY 4.0

GARCIA, V. A. Um sobrevoo: o conceito de educação não-formal. *In*: PARK, M. B.; MOREIRA, M. A.; MASINI, E. S. *Aprendizagem significativa:* a teoria de David Ausubel. São Paulo: Centauro, 2001.

HELMOND, A. The platformization of the web: Making web data platform ready. *Social Media + Society*, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2015.

ISMERIM, I. L. S. Plataformização do ensino de inglês: análise de práticas de professores na rede social Instagram. 2024. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

KOZINETS, R. V. *Netnografia:* Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

LANCASTER, C. *Sobre a verificação no Instagram.* 2021. Disponível em: https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/understanding-verification-on-instagram. Acesso em: 1 maio 2024.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. *Ensino de Biologia:* histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTIN-BARBERO, J. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. *In*: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (org.). *Educomunicação:* construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, p. 121-134, 2011.

NICHOLS, T. P.; SMITH, A.; BULFIN, S.; STORNAIUOLO, A. Critical Literacy, Digital Platforms, and Datafication. *In*: PANDYA, J. Z. *et al*. (org.). *The Handbook of Critical Literacies.* New York: Routledge, p. 345-353, 2021.

PANGRAZIO, L.; SELWYN, N. 'Personal data literacies': A critical literacies approach to enhancing understandings of personal digital data. *New Media & Society*, v. 21, n 2, p. 419-437, 2019.

PARISER, E. *The filter bubble:* What the internet is hiding from you. London: Penguin, 2011. 304p.

SALDAÑA, J. *The Coding Manual for qualitative researchers*. 2. ed. London: Sage Publications, 2013.

SANTAELLA, L. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, Sergipe, v. 7, n 14, 15–22, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.3446 Acesso em: 10 set 2026.

SANTOS, T. M. C. *Letramentos digitais e letramento racial crítico*: uma análise dos materiais didáticos de língua inglesa do aplicativo "Estude em casa". 2024.

Licença CC BY 4.0

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

TAINÁ compartilhando. *O perfil*. Instagram: @tainacompartilhando, 2015. Disponível em: https://www.instagram.com/tainacompartilhando?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw== Acesso em: 10 set. 2026.

ZACCHI, V. J. Multimodality, mass migration and English language teaching. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 595-622, dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/mBQzxW3HxDPxbwKQ3h9Mgcn/?lang=en. Acesso em: 23 jun. 2024.

Recebido em: 15 abr. 2026.
Aprovado em: 01 jul. 2026.

Revisor(a) de língua portuguesa: Bárbara Lopes Garcia de Souza Campos
Revisor(a) de língua inglesa: Thaís Machado de Paiva
Revisor(a) de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho

Licença CC BY 4.0